



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editorka

Apresentação

Augusto Rodrigues
Rodrigo Pelloso Gelamo

Como citar: RODRIGUES, A.; GELAMO, R. P. Apresentação. *In:* RODRIGUES, A.; GELAMO, R. P. **Percepções sobre o ensino de filosofia:** registros de um tempo e seus movimentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p 9-17.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-191-1.p9-17>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

O *Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Ensino de filosofia* (ENFILO) completou uma década de trajetória acadêmica recentemente. Seus primeiros integrantes foram os estudantes de filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília, que, entre 2009 e 2010, participavam de dois projetos com o ensino de filosofia: o PIBID, com suas características de levar o ensino de filosofia à sala de aula das escolas públicas de Marília, e o “Ensino de filosofia em espaços não formais”, o qual, como o próprio nome já diz, experimentava fazer filosofia em lugares em que a educação formal não era o principal objetivo. O desenvolvimento dos projetos não coincidia com a existência do grupo. Este só foi criado pela iniciativa dos estudantes bolsistas e voluntários que, instigados pelo momento histórico em que a filosofia retornava obrigatoriamente à educação básica, como também pelos problemas advindos de suas relações com o ensino de filosofia, resolveram se organizar para debater e verificar os limites e as possibilidades de ensiná-la e aprendê-la, tensionando as experiências dos dois diferentes projetos. Somente depois que vieram os professores atendendo às demandas dos estudantes. Foi nesse momento que se figurou a “necessidade” de institucionalizar o grupo de estudos e fomos acolhidos como uma das linhas de pesquisa do *Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Filosofia* (GEPEF).

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-191-1.p9-17>

Em 2020, foi possível a realização de um projeto-desejo, desenhado ainda em 2009, e que, em vários momentos, havia sido aventado, mas que só dez anos depois, impulsionado, mais uma vez, pelos estudantes, encontrou as condições objetivas para a sua concretização: o seu credenciamento e certificação no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Atualmente, o grupo é composto por professores/as universitários/as/es, da educação básica e do ensino técnico, e por estudantes de graduação e pós-graduação de diversas partes do país, constituindo-se como um espaço formativo que integra diferentes subjetividades, experiências e projetos, cujo **comum** são os problemas que orbitam na relação da filosofia com seu ensino e sua aprendizagem.

Com a proposta de organização deste livro, oferecemos a cada participante um espaço de escrita, de maneira que todos aqueles/as que, de alguma forma, integram o ENFILO, ou que por ele já passaram, ou ainda que se engajaram em uma luta comum, pudessem apresentar suas pesquisas e/ou suas reivindicações políticas em torno do ensino de filosofia. Para tanto, como organizadores desta coletânea, sugerimos diversas formas de escrita – por exemplo, relatos de experiência e memórias da época do ENFILO e da prática docente e pesquisa atual; debates teóricos que apresentem as pesquisas concluídas ou em andamento; narrativas autobiográficas que percorressem o próprio processo formativo como professores-filósofos/as/es que são; etc. Nosso objetivo não foi o de organizar uma coletânea apologetica, mas abrir esse espaço a fim de debatermos, coletivamente, as nossas pesquisas, **registrar** as **percepções filosóficas** com o ensino de filosofia construídas até o presente momento e tornar público os **movimentos** teóricos e

políticos que marcaram esses 10 anos de existência, mesmo que informal, de nosso grupo de pesquisa. Esperamos que o passado e o presente se tensionem e que nossos pensamentos sejam, assim, problematizados.

Antes de apresentarmos as partes da presente coletânea, gostaríamos de localizar o leitor no próprio processo de elaboração dessa proposta. Acreditamos que o percurso pode trazer nuances que os textos, muitas vezes, não expressam em seus ditos. A princípio, formulamos uma chamada intitulada “Questões da filosofia e seu ensino: uma luta coletiva pela licenciatura de filosofia da UNESP”. O nome escolhido era uma homenagem a uma das disciplinas que compõe a grade curricular da licenciatura de filosofia daquela universidade. Isso porque, embora possa parecer apenas mais uma dentre tantas outras inseridas, recentemente, no currículo com a ampliação da carga horária da licenciatura, sua presença institucional marca um acontecimento à trajetória da licenciatura de filosofia da UNESP, resultado de muita luta política movida, principalmente, pelos estudantes, mas não só. Muitos daqueles que hoje cursam essa disciplina, talvez não conheçam o contexto de sua emergência em nossa universidade, o que ela representa em termos dos movimentos políticos inerentes ao campo de pesquisa do ensino de filosofia no Brasil e, especialmente, o movimento feito por alguns dos autores. O que nós adquirimos – e dizemos “nós” porque sua conquista foi resultado de uma luta coletiva, em diferentes campos de batalha institucionais, desenvolvidas por vários segmentos e movimentos dentro da universidade – foram as primeiras demarcações de um território institucional, linhas divisórias ou, muitas vezes, apenas limítrofes de um espaço em comum que tem como objetivo central

construir filosoficamente uma licenciatura de qualidade e quem sabe, filosófica. Esse era e continua sendo, pelo menos, o nosso desejo.

Aquilo que sobrou registrado nos anais institucionais da história é que esta disciplina foi ministrada, pela primeira vez em 2013, como disciplina optativa ao curso de bacharelado e licenciatura, oferecida por dois professores: Antônio Trajano Menezes Arruda, docente responsável e professor do Departamento de Filosofia, e Rodrigo Peloso Gelamo, docente colaborador e do Departamento de Didática¹. Entretanto, para além da versão oficial, sabe-se que, na realidade, sua primeira formulação data 2012. Consistia em uma demanda dos próprios estudantes do ENFILO, e que a ele se somaram muitos outros estudantes de licenciatura e até mesmo do bacharelado do curso de filosofia, que almejavam por um espaço formativo para além do grupo, a fim de pensar filosoficamente o ensino de filosofia. A proposta seria submetida pelo professor Rodrigo, o qual, naquele momento, serviu como um sujeito de enunciação para viabilizar, institucionalmente, essa iniciativa coletiva, ofertando um projeto de disciplina intitulado “Problemas filosóficos do ensino e aprendizagem da filosofia”. Essa proposta foi, inicialmente, negada. Por qual motivo? Isso será acessível ao leitor em alguns dos artigos que se dedicaram a esse assunto. No entanto, como se sabe, o ensino de filosofia não é bem aceito como um campo de investigação genuíno da filosofia, o que é evidenciável no próprio modelo dicotômico das principais licenciaturas de filosofia do país, o qual, apesar de algumas mudanças

¹ Esses professores, juntamente com Vandéi Pinto da Silva, foram os primeiros professores a entrar no ENFILO.

significativas nos últimos anos, ainda separa uma formação filosófica, responsabilidade dos departamentos de filosofia, e uma formação pedagógica, responsabilidade dos professores dos departamentos da área de educação.

Embora a proposta inicial da disciplina não fosse restrita à licenciatura, sua formulação ressoa um contexto nacional da área do ensino de filosofia, de sua luta para transformar o ensino de filosofia em um problema de pesquisa filosófica. Por outro lado, a demanda dos próprios estudantes marca um contexto regional do curso de filosofia da UNESP, em que eles carregavam certas críticas à formação filosófica que recebiam. A voz que ecoava em boa parte do corpo estudantil fazia jus, principalmente, à presença do professor Trajano. Quem teve a oportunidade de estar no curso antes de 2014, sabe de sua importância para a constituição da filosofia da UNESP e de sua crítica incansável à filosofia universitária brasileira. Não é coincidência que seu nome seria o escolhido pelos estudantes para resolver o impasse da aceitação da disciplina e que esta ganharia espaço institucional somente com sua adesão.

Como vimos insistindo, pensamos que os efeitos dessa movimentação ultrapassam a criação de mais um espaço disciplinar, uma vez que o engajamento dos/as/es estudantes foi importante para que, entre 2012 a 2015, participassem ativamente nas alterações curriculares do curso, o qual teria que se reestruturar em razão da CEE. 111/2012. Assim, o que queríamos, com a organização desta coletânea, era justamente recuperar as memórias daqueles/as que participaram dessas movimentações iniciadas em torno da disciplina “Questões da Filosofia e seu ensino”, que seria aprovada em 2013, e terminada com a nova grade da licenciatura da UNESP. Seria uma

oportunidade que teríamos de analisar, coletivamente, cada um em sua esfera de atuação, sobre o nosso curso, nossa formação universitária e os problemas do ensino de filosofia, de maneira geral. Como muitos dados desta luta comum estão escondidos em nossos e-mails, mensagens e nos escaninhos de nossas lembranças, achamos que viria em boa hora trazê-los à tona, especialmente para demonstrar que o curso de filosofia precisa continuar a construir-se a partir de um espaço comum, partilhado por estudantes e professores, e proporcionar força ao corpo estudantil para reivindicarem por melhorias do curso do qual faz parte. Além disso, tal coletânea poderia constituir-se como uma homenagem ao prof. Trajano, pois, como o leitor perceberá, seu nome é uma constante nos diferentes textos, tornando-se, ainda na atualidade, um querido interlocutor para pensarmos o ensino de filosofia.

Ao recebermos os capítulos dessa primeira proposta, resolvemos ampliar o escopo de análise, de modo a debatermos não só o curso de filosofia da UNESP, mas também as pesquisas com o ensino de filosofia que foram desenvolvidas nesse contexto. Ora, será que não podemos ver, dentro desses acontecimentos que marcam a proposta de uma disciplina filosófica para o ensino de filosofia, suas disputas institucionais e o questionamento das heranças formativas como um movimento político-filosófico característico à área do ensino de filosofia na contemporaneidade brasileira? Do mesmo modo, teríamos como negar as ressonâncias desses debates nas próprias pesquisas dos diversos integrantes do ENFILO? Acreditamos que os nossos enfrentamentos e reivindicações regionais sofrem as marcas de um tempo, um movimento de discussão nacionalmente peculiar ao ensino de filosofia, tal como as

pesquisas do ENFILO são tecidas ante as marcas de nossa temporalidade. Por isso, escrevemos uma nova chamada e convidamos aqueles/as que desenvolvem pesquisas em interlocução com o grupo para, recuperando sua trajetória de pensamento formativo com o grupo, pensar as problemáticas que lhe são caras, conforme explicitado nos primeiros parágrafos.

Exposto o percurso de elaboração do projeto da coletânea, apresentamos sua organização. Dividimos a obra em quatro partes. Se tais contornos não deixam de ser arbitrários, expressando uma percepção sobre os textos e suas possíveis interconexões, organizamos os capítulos em eixos investigativos que retratam, de alguma maneira, possíveis direções das pesquisas desenvolvidas pelo ENFILO nos últimos anos. Mesmo que uma década não seja suficiente para demarcarmos linhas de pesquisas já consolidadas, esses anos foram importantes para construirmos caminhos investigativos com o ensino de filosofia.

Na primeira parte, *O ensino de filosofia: questões do/ao campo científico-filosófico*, estão dispostos os capítulos produzidos em interface e tensão com as pesquisas da área no Brasil. O/A leitor/a terá acesso a textos de pesquisadoras que há muito tempo se comprometem com o desenvolvimento da área e cujas recentes pesquisas retomam antigas e colocam novas questões caras ao campo em debate.

A segunda parte, *Ensino de filosofia e formação*, concentra os capítulos construídos em torno da disciplina “Questões da filosofia e seu ensino” e a reestruturação do curso de filosofia da UNESP. Os/As autores/as mostram, por diferentes perspectivas, suas

participações político-filosóficas, seus questionamentos à estrutura do curso, suas reivindicações por uma outra formação do professor/a e por um ensino de filosofia à altura dos desafios contemporâneos, movimentação que prepararia o terreno para as adequações institucionais da resolução CEE nº 111/2012 e que, de certa forma, contribuiria para que, hoje, a licenciatura tenha em sua grade curricular não só algumas disciplinas por eles demandadas, mas também, no caso do ensino de filosofia, três disciplinas filosóficas obrigatórias.

A terceira parte, *Heranças Formativas*, traz pesquisas em torno da institucionalização do ensino de filosofia universitário no Brasil. Problematizam as práticas discursivas e não discursivas institucionalizadas na maneira como se pesquisa, ensina e aprende filosofia, revelando alguns traços de uma herança universitária, suas regularidades e discontinuidades, que se consolidam no cenário brasileiro e da qual somos herdeiros.

Na última parte, *Ensino de Filosofia e Experiência*, são apresentados textos que emergem, principalmente, das tensões criadas com o exercício de ensinar filosofia na contemporaneidade. A sala de aula torna-se o lugar de referência a partir da qual muitos dos integrantes do grupo puderam tensionar os pressupostos e o tipo de experiência com o filosofar que são praticados e estão institucionalizados naqueles/as que a ensinam e aprendem. A transmissão da filosofia como conhecimento representacional, a aprendizagem como reconhecimento e o empobrecimento da experiência nas relações educativas com a filosofia, a figura do mestre explicador e uma suposta causalidade entre ensinar e aprender são alguns dos

problemas tratados, vislumbrando-se outras possibilidades para a filosofia, seu ensino e sua aprendizagem.

Convidamos, assim, os leitores/as ao debate e à interlocução, com a expectativa de que essa coletânea ultrapasse a dimensão problemática local, específica ao ENFILO, e que possa contribuir, de alguma forma, com o crescimento e solidificação da área no Brasil, retratando problemas que nos são, muitas vezes, comuns.

Os organizadores